

## A BOLHA NÃO ESTÁ FECHADA: REFLEXÕES ACERCA DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS

Ana Maria de Fátima Leme Tarini

Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia do Paraná (IFPR)

([ana.tarini@ifpr.edu.br](mailto:ana.tarini@ifpr.edu.br))

Guilherme Leme Tarini

Universidade Federal Fluminense (UFF)

([guilherme.tarini@gmail.com](mailto:guilherme.tarini@gmail.com))

### Resumo

O presente artigo visa analisar o processo de construção e funcionamento do que denominamos “bolha(s) discursiva(s)”. A pesquisa é qualitativa cuja proposta é um gesto de leitura de uma escultura intitulada “o problema está na bolha” e de seis sequências discursivas compiladas de comentários de leitores, disponíveis em uma coluna do UOL notícias, a respeito do assassinato de um homem negro, comentado por Ricardo Kotscho, ou seja, os *corpora* deste trabalho são duas materialidades discursivas distintas, uma imagética e outra linguística. O escopo teórico para a análise das materialidades é composto principalmente por estudos de Santaella (2018) e da Análise de Discurso de linha francesa (AD), embasada especialmente nas pesquisas Pêcheux ([1975]2009, [1983] 2010a, [1983] 2010b), Orlandi (2005), Althusser (2001). Como ferramentas para a análise das materialidades discursivas colocaremos no cenário da análise os conceitos de discurso, sujeito, interpelação ideológica e Formação discursiva (FD).

**Palavras-chave:** Bolhas discursivas. Imagem. Discurso racista.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022008	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

**Ana Maria de Fátima Leme Tarini**

Doutora em Letras (2017) pelo curso de pós-graduação em Letras, UNIOESTE (campus de Cascavel). Possui Mestrado em Letras - Linguagem e Sociedade pela UNIOESTE (2007), especialização em Educação à distância: tecnologias educacionais pelo IFPR (2016), especialização em Literatura Brasileira pela UNICENTRO (1998) e Graduação em Letras Português/inglês também pela UNIOESTE (1996). Atuou como professora do quadro próprio do magistério - Núcleo Regional de Educação / Foz do Iguaçu até abril/2015. Docente (EBTT) do Instituto Federal do Paraná (IFPR) desde 2015, no campus Pinhais-PR, atuando no ensino de língua portuguesa e inglesa no Ensino Médio Técnico Integrado, Graduação na área de tecnologias e Pós-graduação (lato sensu) em Estudos da linguagem. Foi coordenadora do Centro de línguas do IFPR (CELIF) de 2018-2021 e tem experiência na área de Letras (Linguística Aplicada e Análise de Discurso) com os seguintes temas: formação de professores, identidade(s), matrimônio, representação social, discursos do MST, discurso feminino e discursos a respeito da violência sexual contra mulheres. Atualmente é coordenadora do Curso de Especialização em Estudos da Linguagem e atua em pesquisas envolvendo Teorias discursivas e estudos de Letramentos acadêmicos-científicos. É membro dos Grupos de pesquisas NELLI - Núcleo de estudos linguísticos e literários do IFPR e do LACI - Grupo de pesquisas em Letramentos acadêmicos-científicos do IFPR.



<http://lattes.cnpq.br/0948676111167409>



<https://orcid.org/0000-0001-8645-7949>

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022008	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

**Guilherme Leme Tarini**

Graduado em Artes na Universidade Federal Fluminense. Foi bolsista de Iniciação Científica do CNPq no projeto de pesquisa Objeto, o espaço transfigurado e sensorialidade: Experimentações poéticas em instalação. Foi artista-educador no Instituto Casa Roberto Marinho de 2018 a 2019. Desde 2020, é Assistente e Coordenador de Projetos da Dynamic Encounters.



<http://lattes.cnpq.br/7509886543721177>



<https://orcid.org/0000-0002-5747-1976>

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022008	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

## A BOLHA NÃO ESTÁ FECHADA: REFLEXÕES ACERCA DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS

Ana Maria de Fátima Leme Tarini

Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia do Paraná (IFPR)

([ana.tarini@ifpr.edu.br](mailto:ana.tarini@ifpr.edu.br))

Guilherme Leme Tarini

Universidade Federal Fluminense (UFF)

([guilherme.tarini@gmail.com](mailto:guilherme.tarini@gmail.com))

### 1 Considerações iniciais

Neste século, o discurso “você tem que sair da bolha” ou “sai da bolha” tornou-se um mantra. Descobrimos que vivemos em bolhas, participamos delas, alimentamo-nas de inúmeras formas, principalmente quando opinamos a respeito de qualquer assunto veiculado nas redes sociais, mostrando nossas posições ideológicas; somos hienas que se alimentam o tempo todo do que está nas redes sociais. De likes e dislikes vamos aparecendo, existindo, com a sensação de estarmos interagindo com as pessoas. Parabenizamos, criticamos, ofendemos conhecidos e desconhecidos. Olhamos as fotos, os memes, as postagens, bisbilhotamos a vida de outros. E esse processo de subjetivação virtual, por meio de alguns cliques, conecta pessoas de diversos lugares geográficos, que vão se unificando e formando grupos com pensamentos norteadores de suas práticas.

Todavia a compreensão do que é uma bolha não surgiu neste momento devido ao avanço tecnológico e o surgimento de formas virtuais de comunicação entre pessoas, essa ideia de bolha é do século anterior, época em que veio à tona o caso do menino David Vetter que, por ter nascido com problemas no sistema imunológico, vivia isolado da sociedade, fechado em sua casa limpa, esterilizada, possivelmente imaginando a realidade externa. A partir dessa história o termo passou a ser usado para várias situações em que há algum tipo de isolamento, fechamento em si.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022008	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

Visando entender o que denominamos como “bolha”, encontramos em uma página de Facebook, o texto de Vitor Lisboa (2014, s.p.) que dá vida ao termo, ele afirma: “Bolha é tudo aquilo que nos limita, mas, ao mesmo tempo, nos protege. Bolha é tudo aquilo que nos ilude sobre a natureza da realidade e ao mesmo tempo, serve como apoio para prosseguirmos vivendo”. Se nos limita e não nos permite ver a dimensão da realidade ou de outras realidades, fecha-nos num mundo interior, em nossas cavernas invisíveis. Mas isso não nos isola.

O presente trabalho visa analisar “a bolha”, não qualquer uma, mas o processo de construção e funcionamento do que aqui estamos denominando “bolha(s) discursiva(s)”. A análise será feita a partir da imagem de uma escultura intitulada “o problema está na bolha”, de Tarini, e de sequências discursivas (recortes textuais) produzidas após a repercussão de um caso de racismo descrito veiculado na coluna do UOL notícias (disponível no Facebook), escrita por Ricardo Kotscho, ou seja, os *corpora* deste trabalho são duas materialidades discursivas, uma imagética e outra linguística.

Para a análise, lançamos mão do arcabouço teórico que compõe a teoria discursiva da Análise de Discurso de linha francesa (AD), embasada especialmente nas pesquisas de Pêcheux ([1975]2009, [1983] 2010a, [1983] 2010b), Orlandi (2005), Althusser (2001) e nas pesquisas de Santaella (2018). Como ferramentas para a análise da materialidade discursiva faremos uso dos conceitos de discurso, sujeito, interpelação ideológica e Formação discursiva (FD).

O artigo será apresentado em quatro seções: materialidades e ferramentas analíticas; construindo bolhas; um gesto de leitura das materialidades discursivas e as considerações finais.

## 2 Materialidades e ferramentas analíticas

Os estudos da teoria da AD francesa nasceram no final dos anos sessenta do século XX, quando Michel Pêcheux (2010b) pensava em construir uma maquinaria discursiva que pudesse interpretar textos. Desde então, muitas pesquisas foram surgindo. E a AD tornou-se uma disciplina dos estudos da linguagem. Discurso e sujeito tornaram-se pontos-chave, por isso tão discutidos e teorizados. Basta ver que o um dos conceitos caros à AD é a noção de ‘discurso’, o que Pêcheux (2010a, p. 81), conceitua como “efeito de sentidos entre os pontos A e B”, isto é, entre locutores, de forma que é no funcionamento e na materialização linguística que se apresentam a relação entre a língua e a ideologia.

Nas relações de linguagem, os discursos constituem sujeitos e os sustentam, o que nas palavras de Orlandi (2005, p. 21) “são processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade, etc”. As realidades são diferentes para os sujeitos e destas tiram suas conclusões e/ou “opiniões”. Essas “opiniões”, com as mídias acessíveis a todos, ganharam visibilidade; qualquer um, com telefone móvel em mãos, pode falar e ser ouvido, escrever e ser lido, não por duas ou três pessoas, mas por milhares, milhões,

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022008	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

poucos segundos após o dito. Qualquer discurso, de qualquer sujeito, se espalha muito rapidamente, e não há fronteiras tampouco limites para os ruídos que gera.

Tanto os sujeitos (o quem?) como os sentidos (o como?) são constituídos no funcionamento da materialidade. Neste sentido, Orlandi (2005, p. 21) acredita que “no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição de sujeitos e produção de sentidos”, bem como, de construção de posições-sujeito.

E, neste processo, a tese de Althusser (2001) de que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, - advinda das duas proposições retomadas por Pêcheux ([1975] 2009, p. 135, grifo do autor): “1) Só há prática através de e sob *uma* ideologia” e “2) Só há ideologia pelo sujeito e para os sujeitos”, - nos conduz a compreensão de que os sujeitos se constituem na/pela ideologia, de forma que a discursiviz(ação) é a materialização linguística da posição-sujeito e das/nas bolhas nas quais transitam.

No que se refere às ferramentas analíticas, as FD são fundamentais para analisarmos o funcionamento discursivo das posições-sujeitos. Pêcheux ([1975] 2009, p. 147, grifos do autor) denomina FD “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*”. Isto é, numa formação ideológica X, somente é possível ter formações discursivas de X, todavia as condições de produção de cada discurso, constituídas pelo estado de luta de classes, possibilita que não haja apenas um discurso a partir de X, mas vários.

A circulação desses vários discursos mudou com a ampliação do acesso à internet. Muitas mídias sociais surgiram: Facebook, Instagram, Twitter, YouTube e WhatsApp, têm sido as mais aceitas no Brasil, dependendo da faixa etária e dos grupos aos quais os sujeitos pertencem. Mudam as preferências midiáticas, no entanto, em alguma mídia social o sujeito se insere e se conecta com inúmeras outras pessoas, em qualquer lugar do planeta. Com isso, também surgiram os grupos que compõem os sites, as páginas, as redes e cada grupo criado tem suas ideias, seus objetivos e seus seguidores (seu público). Essa adesão às redes, a formação de páginas, grupos, e ao que nelas circulam é o que denominamos pertencer a bolhas sociais, midiáticas ou não.

Ditas estas palavras introdutórias, na próxima seção, apresentaremos os *corpora* para a análise: o discurso imagético “O problema está na bolha” e as sequências discursivas (SD) “As duas mortes do negro João”.

### 3 Construindo bolhas

Viver em grupos, em comunidades, bairros e cidades nos identificava (para alguns ainda identifica), dizíamos: “sou de tal lugar”. Era uma demarcação cultural, social, mas também demográfica. Entretanto, nestes tempos em que as fronteiras são apenas invisíveis, estamos nos identificando com outros nas redes sociais/midiáticas nas quais acessamos para lazer,

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022008	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

encontrar amigos, namoros, saber notícias, discutir política, dentre outras ações. E quando interesses semelhantes são demonstrados, há uma conexão entre as pessoas (dá match), que resulta em formação de grupos por interesse.

Mas as bolhas sociais/midiáticas não são comunidades de pertencimento, são redes virtuais. Nas palavras de Bauman (2015, s.p.)<sup>1</sup>

A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas a rede pertence a você. É possível adicionar e deletar amigos, e controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nesses tempos individualistas.

Se não há comunidade, não somos obrigados a conviver com os outros, diferentes de nós, assim temos a falsa impressão de que podemos “escolher”, “controlar” com quem convivemos. Este controle, de com quem você dialoga, filtra as convivências sociais e normalmente eliminamos a pessoa indesejada, aquele sujeito que não tem afinidades comigo. Ademais, os filtros também acontecem de forma automática, por algoritmos que classificam e agrupam dados, e pessoas. As informações, as postagens e matérias jornalísticas são filtradas antes de serem direcionadas aos usuários. Segundo Maranhão (2017, s.p.)

nas diversas atividades com aplicação de Inteligência Artificial há emprego de algoritmos capazes de coletar e classificar informações, avaliá-las, tomar decisões e atuar com efeitos no mundo físico e consequências práticas para indivíduos que travam relações jurídicas intermediadas pelo uso desses sistemas, ou mesmo exclusivamente entre agentes eletrônicos.

As bolhas sociais virtuais estão chamadas aqui de bolha(s) discursiva(s), que circulam em uma mídia social, ou seja, as produções discursivas em uma rede, dentro de um grupo virtual. Se observarmos as condições de existência dessas bolhas, podemos ver que não se diferem das FD, haja vista as “igrejas” discursivas que elas formam, alimentam, categorizam e fazem circular. Conforme Pêcheux ([1975] 2009, p. 147), as palavras e as expressões recebem seu sentido da FD na qual são enunciadas, “diremos que os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhe são correspondentes”, então as bolhas conectam sujeitos de formações ideológicas congêneres.

As condições de existência dos sujeitos passam por quem eles são - ou nos fazem crer que são - nas redes sociais, se não estamos em uma, não somos sujeitos à/da mídia social,

<sup>1</sup> Sem paginação. Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427\\_675885.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html) Acesso em: 10 nov. 2021.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022008	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

consequentemente, não existe ao/no olhar do “Outro”, isto significa que a não existência se dá por não estar cadastrado numa rede social e não ser lembrado, não estar acessível publicamente. E nas redes sociais/midiáticas o outro vê o que é possível ser visto. Muitas vezes não “olhamos” por outro ângulo, não vislumbramos a materialidade a partir de outra perspectiva, algo nos impede: nossa ideologia.

No *corpus* 1, também veremos o que é possível ser visto na foto. Entretanto, o objetivo não é analisar a foto com todas as nuances que carrega, nem o olhar do fotógrafo ou do espectador, o que visamos é analisar a escultura com nosso olhar de pesquisador e pesquisadora.

**Corpus 1: o problema está na bolha**



Fonte: Guilherme Leme Tarini

Sobre essa escultura, Tarini, o criador da peça comentou em seu Instagram<sup>2</sup>:

Há quase um ano vinha idealizando um trabalho com olho mágico (daqueles de porta) e arame. Seria um esférico em arame, com a parede com poucas frestas

<sup>2</sup>Sem paginação. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B5nzaM7p5lB/?igshid=1dlm2ukga7bty> Acesso em: 10 nov. 2021.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022008	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------



para que a luz entrasse e o participante, através do olho mágico, pudesse enxergar a luz que entrasse na esfera. [...] O trabalho “o problema está na bolha” propõe trazer cenas do grotesco do corpo humano, através dos bonequinhos com seus corpos derretidos, torcidos, desfigurados, buscando retratar esse sentimento contínuo de estagnação com relação a si e ao mundo em volta. Me sinto constantemente inconformado e o pensamento da incapacidade me assola a todo tempo, me sinto estático, com os pés colados a mim mesmo, aos meus ciclos rotineiros, à minha bolha, que derrete minha potência aos poucos e me fixa, forte, na parede do cotidiano, do mais do mesmo, daquilo que, parece, jamais poderei me desvencilhar. Mas a bolha não está fechada.

Como se pode perceber, o artista criou uma bolha de arame com vários bonecos de plástico no interior, representando pessoas, e há um olho mágico pelo qual esse mundo interior pode ser visto/vigiado se dele você se aproximar. Todavia, o objeto pode ser olhado por outros lados, outro ângulo, a julgar pelo formato de bolha que possibilita uma visão de 360º. Entre um cruzamento e outro de arames, pode-se ver o que está dentro, objetos que podem vazar do interior.

O outro corpus que iremos analisar foi composto por recortes discursivos feitos por Ricardo Kotscho<sup>3</sup>, colunista do UOL. Após uma matéria jornalística a respeito do caso de um homem espancado até a morte num supermercado no estado do Rio Grande do Sul, o colunista fez uma compilação dos comentários dos leitores e intitulou “As duas mortes do negro João: nos comentários racistas, culpa foi da vítima”. Veremos o *corpus 2* dividido em SD<sup>4</sup>:

- SD1: "O cara foi pra cima dos seguranças, que revidaram \_ homicídio culposo \_ daí os abutres da imprensa (esquerda) se deliciaram".  
 SD2: "Acordem, alguma coisa esse João branco ou negro fez no caixa (...) Ele aprontou alguma".  
 SD3: "Esse papo de racismo é coisa de mídias podres, de comunistas, traidores e de oportunistas".  
 SD4: "A reportagem só prova uma coisa: um jornalismo desonesto. Dá nojo de pensar que acompanhamos notícias produzidas dessa maneira".  
 SD5: "Infelizmente, temos notícias destacadas dessa forma. Temos que parar com o vitimismo! em que ser apurado o que realmente aconteceu. Notícia desta forma apenas agrega mais ódio".  
 SD6: "Parece que o homem negro começou toda a confusão, agredindo os outros".

Nestes discursos, temos os efeitos de sentido das leituras dos internautas a respeito da matéria jornalística, organizados em SD para a análise que será apresentada a seguir.

<sup>3</sup> Sem paginação. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/balaio-do-kotscho/2020/11/20/nos-comentarios-de-leitores-culpado-e-a-vitima.htm> Acesso em: 20 dez. 2021.

<sup>4</sup> Retiramos a identificação dos sujeitos contida na matéria, visto que identificar não é o objetivo.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022008	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

#### 4 Um gesto de leitura das materialidades discursivas

O *corpus 1* é uma foto de uma obra de arte na qual a proposta era mostrar que há uma bolha, não fechada, da qual é possível os sujeitos escaparem. O artista derreteu alguns dos bonequinhos que estão na parte interna, como se estivessem derretendo a partir de si mesmos, de forma que pudessem, metaforicamente, ir se desmanchando de dentro para fora, escorrendo entre os entrelaçamentos do arame; mostra alguns corpos distorcidos, grotescos, em processo metamorfose. O olho que tudo vê nesta bolha está aberto a qualquer um que deseja olhar e ver. Mesmo assim, esse olho “onipotente” tem suas incapacidades – pontos cegos, imagem distorcida pela lente convexa.

O arame que passa e repassa de um lado ao outro de maneira rústica, formando um novelo emaranhado, cria paredes, impedimentos; aprisiona, mas deixa brechas. E como os seres se organizam neste espaço em que foram deixados? Como estes personagens exploram essas brechas? O que vemos é que alguns estão bem acomodados, envolvidos em si mesmos em um abraço derretido; outros estão quase escapando, esticados quase de um lado ao outro da malha. A alegoria da obra “o problema está na bolha” nos remete ao funcionamento das FD, em que tudo pode ser dito desde que determinado pelas formações ideológicas da posição-sujeito, ou seja, autorizado pelas bolhas de circulação. O que foge do permitido pode escorrer para fora e/ou fazer parte, deixar marcas na estrutura das bolhas, nos lugares onde esteve e por onde passou.

Diferentemente do primeiro texto que é imagético-discursivo, o *corpus 2* é uma materialidade linguística-discursiva, são alguns dos discursos de leitores do UOL, organizados em seis SD para este gesto de leitura, mas podem ser encontrados na íntegra na página supracitada. Apesar desta diferença estrutural, os *corpora* deste artigo se completam, como se o *corpus 2* verbalizasse ou exemplificasse o *corpus 1*.

Feitas estas considerações pontuais, voltamos nossa atenção às SD, iniciando pela observação das SD1, SD2 e SD6 as quais apresentam um sujeito linguístico ‘o cara’, ‘João branco ou negro’, ‘o homem negro’ que produziu a ação ‘foi pra cima’, ‘fez’, ‘começou’. Um sujeito justapõe as palavras branco e negro objetivando mostrar que não há diferenças de tratamento, enquanto o outro destaca que o homem negro é que foi o agente ativo. E, nos comentários, nós não temos a enunciação relatando o resultado do acontecimento que foi a morte brutal do sujeito. Embora um dos comentários seja o questionamento do que seria denominado “homicídio culposo”, o fazem a partir do termo jurídico.

Seguindo com as leituras, vemos que, na SD5, o sujeito é representativo de outros, nós (eu e vocês), mas é também uma chamada direcionada a esses outros que estão lendo, uma convocação com: ‘temos’ e ‘temos que’.

Por outro lado, em alguns recortes, há a presença do sujeito “imprensa” (seja reportagem/notícia). Na SD4, por exemplo, o sujeito da oração é ‘a reportagem’ que ‘prova’ e que ‘dá nojo’, e na SD1, na terceira oração, o sujeito é ‘imprensa (esquerda)’ que ‘se deliciaram’.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022008	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

A imprensa aqui se configura em pessoa(s) de visão política de esquerda. Sob esta mesma perspectiva de personificação, no final da SD5 o sujeito é ‘notícia’ que ‘agrega mais ódio’, notícia no sentido de fato relatado, mas apresentado como um agente que conduz ao ódio. Esses discursos transitam sujeitos, corporificam ‘imprensa’, ‘reportagem’ e ‘notícia’ como agentes do acontecimento ao mesmo tempo que torna invisível o João que foi morto por um segurança do supermercado. Esse discurso da responsabilidade pela ação se apaga para dar relevância à imprensa e apontá-la como causadora do que está relatado. Culpar o mensageiro pela mensagem, já era uma prática do mongol Gengis Khan<sup>5</sup> no século XIII, que gritava: mate o mensageiro (*Ne nuntium necare*), quando não gostava da notícia trazida.

Diferentemente dos outros discursos, a SD3 não apresenta um sujeito que age, mas sim um estado de permanência ‘Esse papo de racismo é’ e, depois disso, o leitor adjetiva pejorativamente o discurso que para ele foi trazido a público pela mídia. Esta é adjetivada ainda em outras SD como: ‘abutres’, ‘podres’, ‘comunistas’, ‘traidores’, ‘oportunistas’ e ‘jornalismo desonesto’. De forma que, sentimento de raiva dos *haters* é direcionada a quem divulga não a quem comete o ato mortal.

O que se pode ver é que a(s) bolha(s) é(são) alimentada(s) pelos discursos de opinião, o fato não importa, nem mesmo é pesquisado; a legislação do país não permite que qualquer um seja julgado sem o devido processo legal, contudo isto não é lembrado. As opiniões questionando o morto por suas ações e destacando a ficha criminal da vítima se sobrepuseram ao fato de que um conflito/briga num supermercado terminou com uma morte desnecessária. Os efeitos de sentido dos discursos preconceituosos apontam para a culpabilização do morto que, nesta situação, é a vítima e da imprensa pela matéria jornalística publicada.

Nas palavras de Santaella (2018, p. 36-37) “as pessoas tendem irrefreavelmente a se recolher dentro das bolhas de seus preconceitos”, e aí vale tudo, inclusive produzir notícias falsas. E “tornam-se presas fáceis de interesses dos quais não conseguem se dar conta. Por estarem retidas dentro de suas próprias cavernas platônicas tornam-se incapazes de furar o bolsão de suas crenças fixas, para enxergar algumas clareiras fora delas”. Dessa maneira, permanecem firmes em seus discursos negacionistas, não compreendem a necessidade de rever seus princípios e de repensar práticas humanas preconceituosas, muito menos transitar além da bolha, visto que o sujeito inscreve sentidos, afetado pela posição discursiva que ocupa.

As bolhas discursivas se apresentaram por meio de seus algoritmos que destacaram diversos comentários e aglomeraram as participações dos leitores. Para o jornal, enquanto empresa, quanto mais comentários, melhor, não importa muito quais sejam eles ou como reverberam. Para a sociedade, quanto mais estruturadas e homogêneas são as bolhas, menos diálogo possibilitam, menos democráticas são, e mais muros se levantam.

---

<sup>5</sup> Sem paginação. Disponível em: <https://vistodedentro.blogspot.com/2016/12/nao-matar-o-mensageiro.html>  
Acesso em: 10 nov. 2021.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022008	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

## Considerações finais

*Eu nasci assim, eu cresci assim  
Eu sou mesmo assim  
Vou ser sempre assim  
Gabriela, sempre Gabriela  
(Modinha para Gabriela, de Dorival  
Caymmi)*

Este trecho da “Modinha para Gabriela” retrata alguém que afirma ser de um jeito e será sempre assim, é inflexível. Isto é o que muitos *coachings* e especialistas em inteligência emocional chamam de síndrome de Gabriela. Neste caso, o sujeito reconhece suas crenças e seu comportamento, não o nega, nem muda, mostra seu desconforto com as mudanças, e é “ciente” de “seu discurso”. Quando tratamos de bolhas não estamos discutindo essa síndrome, tampouco comportamentos individuais (de um sujeito), estamos abordando a constituição sujeito/sentido em espaços discursivos com suas “paredes” de aramado, vazadas, emaranhadas por teias, redes/conexões (in)visíveis ao onipresente.

Em uma pesquisa da University College de Londres, Steve Fleming, neurocientista, e sua equipe realizaram um estudo com quase 400 indivíduos, repetido depois com mais de 400, para comprovar se as pessoas de extrema direita e esquerda são mais confiantes em suas opiniões ou se o problema é que têm dificuldades para entender que estão enganadas.

Descobrimos que as pessoas com crenças políticas radicais têm uma metacognição pior do que aquelas que com pontos de vista mais moderados. Muitas vezes, elas têm uma certeza errônea e resistem a mudar suas crenças diante da evidência (FLEMING apud SALA, 2019, s.p.)

Acreditar que o racismo é uma invenção de uma mídia que visa impor sua ideologia de esquerda parece ser mais confortável para quem está ocupando um espaço discursivo antes não visível, o do discurso racista com tons de harmonia racial. Culpar a mídia dizendo que uma ‘Notícia desta forma apenas agrega mais ódio’ (SD5) silencia (e tenta apagar) o fato em si, a ocorrência é que pode agregar mais ódio, pois mostra como o racismo está presente, tão presente que na SD2 o sujeito do discurso clama: “Acordem, alguma coisa esse João branco ou negro fez no caixa (...) Ele aprontou alguma”, como se uma ação de ter sido agressivo, etc, justificaria o assassinato dele.

A caracterização como “João branco ou negro”, na SD2, denota que os adjetivos descritivos antônimos são a mesma coisa, apagando o tratamento diferenciado, subalternizado que é dado ao negro todos os dias no Brasil. A prática de culpar a vítima pela violência produz

o sentimento de normalização/naturalização, sedimentando mais ainda o racismo estrutural enfrentado nas práticas diárias de um país que alimenta o mito da igualdade racial.

## Referências

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: 2. ed., Edições Graal, 2001.

BAUMAN, Z. As redes sociais são uma armadilha. [Entrevista concedida a Ricardo Querol] **Jornal El País**. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427\\_675885.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html) Acesso em: 10 de nov. 2021.

KOTSCHO, R. As duas mortes do negro João: nos comentários racistas, culpa foi da vítima. In: **UOL Notícias**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/balaio-do-kotscho/2020/11/20/nos-comentarios-de-leitores-culpado-e-a-vitima.htm> Acesso em: 01 dez. 2020.

LISBOA, V. A bolha e você. **Papo de homem**. Disponível em: [https://papodehomem.com.br/a-bolha-e-voce/?utm\\_content=buffereee1d&utm\\_medium=social&utm\\_source=facebook.com&utm\\_campaign=buffer&fbclid=IwAR2fZiXRNoS3XLkr1QQsQh9zW01iEmJ0bfk4KvZS\\_cV75HdktPO2yXuDaA0](https://papodehomem.com.br/a-bolha-e-voce/?utm_content=buffereee1d&utm_medium=social&utm_source=facebook.com&utm_campaign=buffer&fbclid=IwAR2fZiXRNoS3XLkr1QQsQh9zW01iEmJ0bfk4KvZS_cV75HdktPO2yXuDaA0) Acesso em: 10 de nov. de 2021.

MARANHÃO, J. **A pesquisa em inteligência artificial e Direito no Brasil**. 2017, s.p.. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2017-dez-09/juliano-maranhao-pesquisa-inteligencia-artificial-direito-pais> Acesso em: 10 de nov. 2020.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes. 2005.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. E. P. Orlandi. 4. ed. Campinas, São Paulo: Ed. da UNICAMP, 2009 [1975].

----- . Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux; Trad. Bethania Mariani et. al, Campinas, SP: 4. ed. Editora da UNICAMP, 2010a [1983].

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022008	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

----- . Análise Automática do Discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática de discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux; Trad. Bethania Mariani et. al, Campinas, SP: 4. ed. Editora da UNICAMP, 2010b [1983].

SALAS, J. Os extremistas têm problemas para perceber que estão errados. In: **El País**.

Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/18/internacional/1547814779\\_845056.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/18/internacional/1547814779_845056.html)

Acesso em: 02 dez. 2021.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade**: É verdadeira ou Falsa? Barueri: SP, Editora Estação das Letras e Cores, 2018.

TARINI, G. L. **MuvucATO**. Comentário sobre a exposição. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/B5nzaM7p5lB/?igshid=1d1m2ukga7bty> Acesso em: 02 mar.

2022.

Recebido em 03/03/2022

Aceito em 22/09/2022

Publicado em 30/12/2022

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022008	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

## THE BUBBLE IS NOT CLOSED: REFLECTIONS ON DISCURSIVE FORMATIONS

Ana Maria de Fátima Leme Tarini

Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia do Paraná (IFPR)

([ana.tarini@ifpr.edu.br](mailto:ana.tarini@ifpr.edu.br))

Guilherme Leme Tarini

Universidade Federal Fluminense (UFF)

([guilherme.tarini@gmail.com](mailto:guilherme.tarini@gmail.com))

### Abstract

This article aims to analyze the process of construction and functioning of what we call “discourse bubble(s)”. The research is qualitative, whose proposal is a gesture of reading a sculpture entitled “the problem is in the bubble” and six discursive text sequences compiled from readers’ comments, available in a column of UOL news, about the murder of a black man, commented by Ricardo Kotscho, that is, the corpora of this work are two distinct discursive materialities, one imagetic and the other linguistic. The theoretical scope for the analysis of materiality is mainly composed of texts from Santaella (2018) and the French Discourse Analysis (AD), based especially on researches by Pêcheux ([1975]2009, [1983] 2010a, [1983] 2010b), Orlandi (2005), Althusser (2001). As tools for the analysis of discursive materialities, we will place in the scenery of analysis the concepts of discourse, subject, ideological interpellation, and Discursive Formation (DF).

**Keywords:** Discursive bubbles. Image. Racist speech.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022008	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

## LA BURBUJA NO SE CERRA: REFLEXIONES SOBRE FORMACIONES DISCURSIVAS

Ana Maria de Fátima Leme Tarini

Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia do Paraná (IFPR)

([ana.tarini@ifpr.edu.br](mailto:ana.tarini@ifpr.edu.br))

Guilherme Leme Tarini

Universidade Federal Fluminense (UFF)

([guilherme.tarini@gmail.com](mailto:guilherme.tarini@gmail.com))

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar el proceso de construcción y funcionamiento de lo que llamamos “burbuja(s) discursiva(s)”. La investigación es cualitativa, cuya propuesta es un gesto de lectura de una escultura titulada “el problema está en la burbuja” y seis secuencias discursivas recopiladas a partir de los comentarios de los lectores, disponibles en una columna de noticias de la UOL, sobre el asesinato de un hombre negro, escrito por Ricardo Kotscho, es decir, los corpus de esta obra son dos materialidades discursivas distintas, una imagística y otra lingüística. El ámbito teórico para el análisis de la materialidad se compone principalmente de estudios de Santaella (2018) y textos del Análisis del Discurso Francés (AD), basado especialmente en las investigaciones de Pêcheux ([1975]2009, [1983] 2010a, [1983] 2010b), Orlandi (2005) y Althusser (2001). Como herramientas para el análisis de las materialidades discursivas, colocaremos en el escenario de análisis los conceptos de discurso, sujeto, interpelación ideológica y Formación Discursiva (FD).

**Palabras-clave:** Burbujas discursivas. Imagen. Discurso.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022008	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------